

O MEDO E O DEMO: UM ENSAIO SOBRE A RELAÇÃO DO MEDO COM AS REPRESENTAÇÕES DO DIABO NA LITERATURA

Ricardo Gomes da Silva

"Eu penso se o Diabo não existe, foi simplesmente criado pelo homem, este fez à sua imagem e semelhança."

Dostoiévski

O Diabo ocupa um constante e importante lugar no imaginário da cultura ocidental. Não menos constante e importante é seu lugar na literatura, sobretudo durante e após a Idade Média. São tantas as representações do Diabo na literatura que podemos afirmar a existência de uma espécie de categoria dos personagens-diabo. “Categoria de personagem” e não simplesmente personagem, pois as representações do Diabo na literatura são as mais diversas possíveis.

Quando se fala em Diabo não se fala de um personagem único, mas de um conceito a ser livremente desenvolvido. Dante em *A divina comédia* desenha a sua maneira o Diabo, Milton em *O paraíso perdido* o pinta de outra forma. Diferente será também o desenho do Diabo em *O Fausto*, de Goethe, ou *Litanias de Satanás* de Baudelaire, ou na obra de Shakespeare, de Thomas Mann, Paul Valéry, Walter Scott, Allan Poe, Gil Vicente, Fernando Pessoa, Saramago.

Embora diversas, as representações do Diabo na literatura, estas podem ser divididas em dois macros modelos. Divisão esta determinada, essencialmente, por um fator: o medo. A evolução da representação do Diabo que vemos transportada do imaginário coletivo para a literatura tem haver com o medo na medida em que tanto a ascensão da imagem do Diabo enquanto um ser majestoso, quanto seu declínio para a triste figura de um fracassado tem relação direta relação com a oscilação do temor que ele possuiu sob as pessoas.

Para pensarmos acerca desta questão partimos da definição do conceito de representação. O pensador francês Roger Chartier (2002) ao teorizar sobre o conceito de representação afirma que representar é criar uma imagem de algo, onde há de se haver uma relação decifrável entre a imagem e o que ela significa. Em outros termos representar é criar signos que remetem a algo. As letras, sílabas e palavras que vemos nesta folha são representações de vocalizações verbais que foram construídas para representar idéias, objetos, lugares, pessoas, etc. Desta maneira a escrita é uma

representação visual das palavras que por sua vez são representações verbais de coisas concretas e abstratas.

A literatura, por definição, está intrinsecamente envolvida nestas relações de representação. As discussões neste sentido são diversas e vão desde Platão¹ – ao condenar a poesia por se tratar de imitação - até os ideais dos escritores Realistas na busca de se representar na literatura a realidade de forma mais impecável possível.

Desta forma podemos dizer que o Diabo, enquanto uma entidade abstrata, é a representação de algo. Na realidade a ideia de Diabo nasce como uma representação para posteriormente ganhar status de entidade. Neste sentido a representação do Diabo na literatura se faz de forma extremamente complexa. Pois, na literatura acaba-se por representar a representação que se tem de uma entidade que por sua vez também representa algo. Para não nos perdemos nisto que mais parece um jogo de palavras façamos-nos duas perguntas básicas: O que o Diabo representa? Como o Diabo é representado?

Dizer apenas que o Diabo representa o mal seria simplificá-lo por demais. Neste sentido o livro *O Diabo no imaginário Cristão* nos fornece o panorama histórico necessário para compreendermos a estrutura da figura do Diabo. De acordo com NOGUEIRA(1986) na antiguidade não se tem registro de alguma figura que pudesse correlatamente representar o mal. Tratando-se textos bíblicos, no Antigo Testamento a única contribuição que se tem a personificação do mal se encontra no Livro de Jô. Pois, o Anjo “Satã” – que significa aquele que acusa ou que calunia – levanta a suspeita perante o Senhor de que um de seus servos seria fiel por interesse. A partir do Novo Testamento passa-se a se evidenciar a existência de um ser como símbolo do mal. É quando surge o termo diabo, do grego *Diabolos*, que significa aquele que leva o juízo. Neste sentido, a passagem de Jesus no deserto sendo tentado pelo Diabo no deserto é uma das que mais contribuirão para formação desta personificação do mal.

Até a Idade Média se desenvolvem uma série de textos não canônicos acerca das Legiões de Demônios e do Apocalipse. Com o passar do tempo pensadores da Igreja Católica como Eusébio, Cipriano e Tertuliano começam a se preocupar e escrever sobre o Diabo. Tem-se então o que NOGUEIRA(1986) chama de Institucionalização do Diabo. É neste período que surgirá a tardia leitura da Serpente como um dos disfarces do Diabo. E como o Diabo passa a ser culpado pela Igreja por todas as desgraças, desde

¹ em *A República*

pestes a desastres naturais, começa-se a ter mais e mais medo dele. Contudo, a excessiva evidenciação da figura do Diabo faz com que ele cresça mais e mais no imaginário coletivo, o transforma em uma gigantesca e assustadora criatura maligna.

A quase que onipresença e onipotência adquirida pelo Diabo neste período ao mesmo tempo que farão com que ele arrebate uma multidão de tementes lhe renderão sociedades secretas de adoração. A evolução destas sociedades de adoração ao Diabo originará a imagem Moderna do Diabo. Assim o Diabo passa a simbolizar a negação a tirania de Deus. Satã será visto como símbolo de espírito livre em oposição a instituição religiosa cristã. Será também o diabo transformado em sinônimo de progresso, liberdade, ciência e anti-herói, o herói rebelde, o deprimente Anjo caído.

Quanto as representações do Diabo quem nos auxilia a pensar é Umberto Eco em dois subcapítulos de *Historia de la fealdad* intitulados *Las metamorfosis del diablo* e *Del satanás rebelde al pobre Mefistófeles*.

As metamorfoses do Diabo apresentadas e discutidas por Umberto Eco mostram como o modo que o diabo é representado está ligado às nuances do que ele representa. Neste sentido o pensador italiano explica que embora o Diabo esteja ligado à maldade nem sempre é descrito com aspectos monstruosos. Estando a imagem do Diabo ligada a calúnia ou a sedução ele poderá ser representado com aspectos de feiúra reduzidos ou mesmo como uma belíssima mulher. Há vezes ainda que o Diabo é representado como uma criatura carnavalesca: alegre, dançante e divertida.

ECO(2007) vê nas representações do Diabo por Dante e Tasso a imagem de um ser majestoso. Em *A matança dos inocentes* (1632), de Marino, o Diabo é representado "como un ser sobre el que pesa una profunda tristeza, y que ello en cierto modo nos inspira piedad."(ECO, 2007, p.179). Em *O paraíso perdido* (1667) de Milton, o Diabo inspira de um "sentimiento de venganza y de afirmación del propio Yo, pero sin duda un modelo de pura energia en rebelión"(ECO, 2007, p.179). Estas representações vão ao encontro com a adoração e aproximação do Diabo no mundo Moderno notada por NOGUEIRA(1986).

O último estágio de metamorfose deste "ser" é o de "pobre diabo". De acordo com ECO(2007), estágio este iniciado por Goethe ao atribuir ao Diabo qualidades demasiadamente humanas. A imagem de *Mefistófeles*, um Diabo medíocre dotado da mesquinhez de um pequeno-burguês, será o modelo às representações de Dostoievski, Giovanni Papini e Thomas Mann.

Temos a partir de ECO(2007) e NOGUEIRA(1986) duas representações básicas e opostas do Diabo: Medieval X Moderna. O Diabo, sinônimo de maldade na Idade Média representou algo a se temer e respeitar, na Modernidade passou a representar algo a se identificar e se compadecer.

Tal como se vê, o medo terá papel primordial na oscilação da imagem do Diabo. Na Idade Média o Diabo se avolumará devido ao crescente medo que tem-se dele. Da mesma maneira, à medida que se foi deixando de ter medo do Diabo, ele foi aos poucos esmaecendo e desinflando até chegar ao pobre-diabo. Contudo, o mais interessante nesta relação do medo com o Diabo é o fato de que quanto mais o Diabo decaiu, mais se fez presente na literatura. Casando-se com ideais do Romantismo, justamente esta imagem de sujeito outrora temeroso, agora decadente, é interessante observar que o Diabo à medida que deixou de ser temido passou a figurar mais e mais na literatura da modernidade.

Referências

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. *As metamorfoses do diabo: a secularização do mito e sua apropriação pela indústria cultural no século XX*. Tese (Doutorado em Sociologia)UNESP,Araraquara. 2008.

ASSIS, Machado de. A igreja do diabo. In: *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002

ECO, Umberto. *Historia de la fealdad*. Barcelona: Ed. Mondadori, 2007

FERRAZ, Salma. O diabo na literatura para crianças. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. v. 1, n. 3, p. 220-238, set./dez. 2007.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1949.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo, Ática, 1986.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.